

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL-Hab. JORNALISMO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
DISCIPLINA: TÉCNICAS DE PROJETOS EM JORNALISMO
ALUNA: ELIANA ARNDT

TRAJETÓRIA DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA CATARINENSE

(Plano de pesquisa sobre a produção cinematográfica catarinense desde sua implantação até as mais recentes realizações nas bitolas de 35mm, 16mm e super-8)

Florianópolis, 10 de setembro de 1983.

TRAJETÓRIA DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA CATARINENSE.

(Plano de Pesquisa)

Este plano pretende orientar a pesquisa a ser efetuada sobre a produção cinematográfica catarinense desde sua introdução até as mais recentes realizações, nas bitolas de 35mm, 16mm e super-8.

DOS OBJETIVOS

Os objetivos da pesquisa são os seguintes:

Fazer o levantamento histórico das produções cinematográficas realizadas em Santa Catarina e relacioná-las com os movimentos artísticos de onde surgiram ou a que estavam relacionados.

Localizar as produções feitas no estado e apontar para a necessidade da implantação de uma cinemateca que garanta a conservação deste material.

DO INTERESSE PELO TEMA

Quando se fala em cinema em Santa Catarina, se fala apenas em exibição. Nunca em produção. Na verdade, a grande maioria das pessoas desconhece que em algum momento e em algum lugar de nosso estado já se produziu alguma coisa em cinema. A memória cinematográfica está totalmente entregue às baratas e/ou aos porões de nossas instituições. Esta necessidade de se ter registrado a introdução e a evolução de cinema em Santa Catarina, importante enquanto forma artística de representação da realidade de uma época, é que me levou, essencialmente, a escolher este tema para meu projeto de conclusão de curso. É importante também salientar que este trabalho pretende ser um ponto de referência para futuros trabalhos sobre o tema, inexistentes neste sentido.

DA ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

Eisenstein já dizia que "o cinema é a mais internacional de todas as artes pelas possibilidades permanentemente enriquecidas de sua técnica e o seu poder criador, sempre em progresso, permitem ao cinema instituir em escala internacional, um contato de pensamento eminentemente vivo". Cinema não é apenas uma estória que se vê na tela, que se gosta ou não. Cinema é muito mais do que isso. Se constitui num "ritual complexo" como diz Jean-Claude Bernardet ou então a máxima dele: "uma sessão de cinema é uma sessão de estupro" (in Delírio, nº 1, jul de 1960). Envolve uma série de elementos que

passam pela publicidade, pelas firmas ou pessoas nacionais ou estrangeiras que investem dinheiro em filmes, pas a pelos intermediários ou os distribuidores dos filmes; passa ainda pelos exibidores que projetam os filmes. Estas três etapas estão bem distintas e separadas em nossa época, se constituindo cada qual numa máquina poderosa.

A situação do cinema nacional não é nada boa. A produção cinematográfica sofre todas às pressões a que estão sujeitas todas as atividades artísticas e culturais no Brasil. As pessoas interessadas em fazer cinema geralmente esbarram em problemas financeiros. A Embrafilme que é o órgão governamental que atende o setor cinematográfico possui critérios e os adota no sentido de privilegiar as produções que se encaixam em determinados interesses da Embrafilme. Mesmo assim tem-se no Brasil, polos de produção artísticos e culturais que é o caso de São Paulo e Rio de Janeiro. Esta concentração é facilmente explicável pelo tipo de sistema produtivo e o modelo econômico adotado no país. É de lá que vem praticamente todos os movimentos artísticos-culturais que têm ressonância a nível nacional. Aqui em Santa Catarina, além dos filmes estrangeiros, só vemos os filmes produzidos nos grandes centros produtores da cultura nacional.

DA FUNDAMNETAÇÃO

"O Brasil se interessa muito pouco pela seu próprio passado. Essa atitude saudável exprime a vontade de escapar a uma maldição de atraso e de miséria. O descaso pelo que existiu explica, não só o abandono em que se encontram os arquivos nacionais, mas até a impossibilidade de se criar uma cinemateca. Essa situação dificulta o trabalho do historiador, particularmente o que se dedica a causas sem importância como o cinema brasileiro". Assim Jean-Claude Bernardet e Maria Rita Galvão veem a questão da pesquisa/memória cinematográfica no Brasil. Hoje já se tem material bastante representativo sobre a questão cinematográfica no Brasil, graças ao esforço de vários pioneiros.

O aparecimento do cinema na Europa Ocidental e na América do Norte nos idos de 1880 foi o sinal que a Revolução Industrial estava na véspera de se estender ao campo do entretenimento. Esse fruto da aceleração do progresso técnico e científico encontrou o Brasil estagnado no subdesenvolvimento, arrastando-se sob a herança penosa de um sistema econômico escravocrata e um regime político monárquico. A novidade cinematográfica chegou através dos viajantes estrangeiros. Em 1898, foram realizadas as primeiras filmagens. Nos primeiros dez anos, porém, o cinema no Brasil vegetou. Uma das causas, a insuficiência de energia elétrica. O quadro técnico, artístico e comercial do

nascente cinema nacional era constituído de estrangeiros, notadamente italianos. Mais tarde alguns brasileiros vindos da recente profissão de fotógrafos de jornal, aprenderam a manejar a câmara. No terreno artístico, os intérpretes e encenadores vinham de elencos dramáticos em tournês sul-americanas ou de grupos aqui radicados onde predominavam os estrangeiros. No campo comercial, os homens que financiaram os primeiros filmes não pertenciam ao mundo comercial estabelecido. Eram quase sempre italianos e frequentemente aventureiros. Esses empresários eram, ao mesmo tempo, produtores, importadores e proprietários de salas de exibição. De 1908 e 1911, o cinema nacional conheceu sua época de ouro. Nesta época predominavam os filmes que reconstituíam os maiores crimes daquele tempo. Essa época marca a passagem do cinema artesanal para a produção industrial. O Brasil exportava café, em troca importava tudo, até entretenimento. A partir de 1911, o cinema nacional ficou inteiramente à disposição do filme estrangeiro. A partir de 1925, a produção nacional tem um novo dinamismo e há progresso na qualidade. Quando se atinge o auge do cinema mudo, o cinema sonoro já era vitorioso em toda parte. A partir daí, o cinema nacional teve um desenvolvimento gradual, com alguns percalços. Movimentos importantes como a çanchada, o Cinema Novo aconteceram em seguida.

Em seguida, pouco ou quase nada se sabe sobre as produções catarinenses. O que se sabe é que existiram alguns aventureiros que realizaram alguns filmes. Tem-se notícia de um moço chamado Baungarten que teria realizado algumas tentativas bem sucedidas na região de Blumenau. Terá havido somente esta experiência?

Esta pesquisa pretende levantar a história do cinema catarinense no que diz respeito às produções realizadas em nosso estado. Por produções cinematográficas, entendo a realização de um filme sob o ponto de vista financeiro e técnico. Não serão consideradas produções locais os filmes que tiveram apenas suas locações em terras catarinenses, como é o caso do recente Garota Dourada. Meu objetivo é reconstituir a história das produções locais, onde foram rodadas, os problemas enfrentados pela produção, os custos, os realizadores, os diretores, os atores, o que se pensava sobre o veículo cinema.

DAS HIPÓTESES

Para a realização desta pesquisa, foram enumeradas algumas hipóteses:

1-Uma pesquisa exploratória revela a existência de uma produção representativa durante as décadas de 30 e 40, sendo que alguns destes filmes se encontram em cinematecas de São Paulo e Curitiba.

2-Com o crescimento dos polos culturais e a centralização crescente dos recursos financeiros nestes polos produtores de cultura fez com que a produção artística e principalmente a cinematográfica se extinguisse praticamente em Santa Catarina.

3- A falta de condições político-financeiras fizeram com que as pessoas ligadas ao cinema fossem produzir em outros centros. Esta hipótese está intimamente ligada a anterior e é o caso de Silvio Back, por exemplo.

4- Os filmes que já foram recuperados precisam ser organizados, catalogados e há necessidade de se encaminhar um projeto para que se perceba a importância da implantação de uma cinemateca em nosso estado.

DA OPERACIONALIZAÇÃO DAS HIPÓTESES

Através de um mapeamento das fontes pretendo entrevistar, conversar informalmente com pessoas da capital, interior ou mesmo de outros estados que estejam ligadas ao meu objeto de estudo. Serão necessárias também pesquisas em documentos, consultas na imprensa da época, análise de dados estatísticos, análise de conteúdo, visitas às cinematecas de São Paulo e Curitiba e contatos com entidades e instituições relacionadas com o tema. Para o contato com as fontes do interior do estado e de outros estados será usado o sistema de mala direta.

DO CRONOGRAMA

mês de setembro- viagens ao interior e às cinematecas, conversas informais, leituras de apoio e divulgação da pesquisa junto às entidades e instituições ligadas à área .

mês de outubro - leituras de apoio e início das entrevistas e pesquisas em documentos e imprensa da época

mês de novembro -redação final.

DO ORÇAMENTO

PASSAGENS(São Paulo, Curitiba, Blumenau, Chapecó, Joinville ...	100.000,00
Material de apoio(xerox, folhas de papel, fitas cassete	15.000,00
concessão de interurbanos para contatos com interior ou outros estados	
concessão de serviço de mala direta da Universidade:	
TOTAL	115.000,00

DA BIBLIOGRAFIA

XAVIER, Ismail. O Discurso Cinematográfico. Paz e Terra. Rio, 1977

BERNARDET, Jean-Claude. O Que é Cinema. Brasiliense. São Paulo. 1981.

- BERNARDET, Jean-Claude. Brasilem Tempo de Cinema. Paz e Terra, Rio, 1977
- BERNARDET, Jean-Claude. Trajetória Crítica. Polis, São Paulo, 1978.
- EISENTEIN, Serguei. Reflexões de um Cineasta. Zahar Editores, Rio, 1969.
- ESPINAL, Luis. Cinema e seu Processo Psicológico. Lic Editores, São Paulo, 1976
- ESPINAL, Luis. Consciência Crítica diante do Cinema. Lic, São Paulo, 1976
- GALVÃO, Maria Rita. Crônica do Cinema Paulistano. Ática, São Paulo. 1975:
- GOMES, Paulo Emílio. Cinema, Trajetória no Subdesenvolvimento. Paz e Terra
1980. São Paulo .
- GOMES, Paulo Emílio. Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte, Perspectiva, São
Paulo, 1974
- ROCHA, Glauber. Crítica do Cinema Brasileiro. Paz e Terra, Rio, 1977